



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS - BACHARELADO

**O ROMANCE FRAGMENTADO DA VIDA DE CAIO FERNANDO ABREU EM
SUAS CORRESPONDÊNCIAS**

ISABEL SEVERIANO

Rio de Janeiro - RJ
Dezembro de 2018

O ROMANCE FRAGMENTADO DA VIDA DE CAIO FERNANDO ABREU EM SUAS CORRESPONDÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO) como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Letras.

Orientador: Dr. Marcelo dos Santos

Rio de Janeiro - RJ
Dezembro de 2018

ISABEL SEVERIANO

**O ROMANCE FRAGMENTADO DA VIDA DE CAIO FERNANDO ABREU EM
SUAS CORRESPONDÊNCIAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Rio de Janeiro, _____ de Dezembro de 2018.

Marcelo dos Santos (Orientador)

Banca examinadora – Masé Lemos

Rio de Janeiro - RJ

Dezembro de 2018

“A Literatura é o caminho que
pode tornar a vida narrável”

Marcelo dos Santos

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é a Deus que me sustentou, me deu força, sabedoria e graça para concluir esse curso. Sem Ele nada do que foi feito se fez.

Agradeço a minha querida sobrinha Raquel que me incentivou a fazer o ENEM e ela mesma fez minha inscrição, me lembrou de ver os resultados e me alertou do dia da matrícula, sem ela eu teria perdido todas as datas e sequer iniciaria o curso.

Agradeço a minha mais que querida amiga Patricia que me fez enxergar que o tempo estava passando e eu apenas observando. Tiça, você me fez ver que a vida tinha muito mais a me oferecer. Obrigada amiga!

Agradeço os meus companheiros de jornada acadêmica: João Pedro Delorenci, muitas vezes o mais maduro apesar de ser o mais novo, sempre fofo, delicado e pronto a ajudar; Anderson Alvarenga, meu consultor para assuntos aleatórios e todos os outros; Péricles Ulisses Cutrim, o libriano mais indeciso de todos, mas que decidiu ser meu amigo; Bruna Vianna, meu ouvido durante momentos adversos; Renato Guimarães, meu primeiro leitor crítico que com poucas palavras me faz enxergar o erro e encontrar o caminho do acerto, enquanto por outro lado coloca dúvidas na minha mente que eu nem sabia existir e, por fim, mas não menos importante, Luciene Diniz que sempre esteve ao meu lado, mesmo quando precisou se distanciar. Juntos formamos o *No frigidus dos ovos*, grupo onde compartilhamos nossos sofrimentos universitários, esclarecemos dúvidas e damos boas risadas também. Vocês são de longe o melhor presente que a UNIRIO poderia me oferecer. Amo vocês

Agradeço ao meu orientador, Dr. Marcelo dos Santos, melhor professor do universo, pelos ensinamentos, pela transmissão de conhecimento sem egocentrismo ou prepotência, por me preparar brilhantemente para esse momento. Confesso que saía de cada encontro me sentindo mais leve e mais confiante, porque sua confiança em mim, maior que a minha, muitas das vezes, me motivava a acreditar que estava fazendo um bom trabalho e me dava forças para continuar. Minha eterna gratidão, é tudo que posso te oferecer.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha graduação pela dedicação e por me proporcionarem não apenas o saber acadêmico como também contribuíram para a minha formação pessoal.

Agradeço ao nosso diretor da Escola de Letras, Gustavo Naves Franco, sempre muito solícito e disposto a compartilhar seus conhecimentos astrológicos e outros. Ao “menino que resolve as coisas” William Garcia, aquele que nos ouve, aconselha, atende nossas solicitações e, claro, torce para o melhor do mundo, MENGO!

Agradeço a “ascensorista que lê”, Josi dos Anjos, que entre subidas e descidas nos incentivava à leitura por estar sempre lendo e me acompanhava, não apenas no elevador, mas em minhas voltas ao lar garantindo boas conversas e risadas que aliviava a tensão do fim do dia.

Enfim, obrigada a família, amigos, irmãos e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação.

RESUMO

O presente trabalho visa ficcionalizar a vida do autor Caio Fernando Abreu por intermédio de suas correspondências em consonância com a sua obra. Isso será feito, tomando por base a noção de que a carta, apesar de estar no lugar do indecível, pode sim contar como um gênero literário ou como a gênese da Literatura como defendem alguns teóricos. A partir da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental, e fazendo eco às vozes dos escritores dos séculos XVIII e XIX que estabeleceram o romance epistolar como um gênero literário, este trabalho traz esse gênero como pano de fundo para as discussões sobre o tema.

Palavras-chaves: Carta. Correspondência. Romance epistolar. Personagem. Remetente

ABSTRACT

The present work aims to fictionalize the life of the author Caio Fernando Abreu through his correspondences in consonance with his work. Based on the notion that the letter, despite being in the place of the undecidable, can be considered as a literary genre or as the genesis of Literature as some theorists argue. From bibliographic research and documentary research and echoing the voices of the writers of the eighteenth and fourteenth centuries, who established the epistolary novel as a literary genre, this work brings this genre as a background for the discussions around the theme.

Key-words: Letter; Correspondence; Epistolary Novel; Character; Sender

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DA AMIZADE: CARTAS AO CAIO	14
3. NOTAS À GUISA DE ANÁLISE	28
4. CONCLUSÃO	39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho artístico/analítico composto por esta introdução em que serão explicados o conteúdo e o desenvolvimento, por um romance epistolar e pela análise conclusiva ao final. O fato da segunda parte se intitular romance epistolar não remete à sua extensão, posto que se trata de um breve romance composto por seis cartas, e, sim à ficcionalização da vida através da correspondência. Grandes nomes da Literatura dos séculos XVIII e XIX se utilizaram desse recurso. Na correspondência destinatário e remetente se viam livres das convenções estabelecidas na Literatura e usavam de humor, do grotesco, celebravam momentos de amizades e permitia ao escritor o uso da linguagem próxima ao seu cotidiano. As amizades se fortaleciam e se estabeleciam novas relações. “Esse desejo de amizade perfeita, inseparável de um ideal amoroso que não consegue se realizar se converte na escrita ficcional e no romance epistolar” (BUFFAULT, 1996).

O objeto deste, Caio Fernando Abreu, doravante denominado CFA, nasceu na cidade de Santiago no Rio Grande do Sul em 12 de setembro 1948, filho de Nair Loureiro de Abreu e Zaél Menezes de Abreu, era um jornalista e escritor homossexual assumido, condição exposta ficcionalmente, porém um tanto quanto autobiográfica nos livros que escrevia, como na cena homossexual abaixo, descrita na novela “Bem longe de Marienbad”, publicada no livro *Triângulo das águas*:

Querelle curva-se sobre a mesa. Desabotoa o cinto, as calças, mas não chega a abaixá-las. Apenas abre as pernas e debruça-se mais sobre a mesa. O negro vem por trás. Primeiro, com a mão direita, abaixa as calças do marinheiro até os pés. Com a mão esquerda, desabotoa as próprias calças. O negro lambe o dedo indicador e começa a introduzi-lo entre as nádegas de Querelle. Seu dedo desaparece na carne branca. Não há nenhuma resistência. O negro retira o dedo e, com um único movimento, introduz seu membro dentro de Querelle.(...) Quando a palma de sua mão segura o sexo rijo de Querelle, ele tem certeza absoluta.

Ou no conto “Sargento Garcia” de *Morangos mofados*:

Ele foi chegando muito perto. O volume esticando a calça, bem perto do meu rosto. Ele enfiou a mão pela gola da minha camisa, deslizou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia (...). Então um corpo pesado caiu sobre o meu. Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Ele empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna secreta.

Em uma crônica publicada na revista *Sui Generis*, “As quatro irmãs”, CFA descreve quatro tipos diferentes de homossexuais, isso em plena ditadura militar o que lhe rendeu muita censura e perseguição, tendo inclusive que, em certa ocasião, se esconder no sítio da escritora e sua amiga pessoal Hilda Hilst em Campinas, São Paulo para não ser preso pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). CFA era extremamente intenso e passional, tinha um desejo constante de sair do país e ganhar notoriedade fora do país, desejo que foi realizado e todos esses sentimentos foram transmitidos à sua obra mesclados a uma sempre presente solidão, sensação de não pertencimento, sexo e intimidade com a morte, ideias muito recorrentes em sua fortuna crítica. CFA faleceu em 25 de fevereiro de 1996 vítima da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

O romance fragmentado da vida de Caio Fernando Abreu em suas correspondências é o resultado de dois anos de pesquisa da vida do autor baseado na leitura de sua obra e, principalmente, sua correspondência incluindo a pesquisa em campo em instituições como a Fundação Casa de Rui Barbosa. Houve uma tentativa de visita a Delfos da PUCRS não sendo efetuada devido a algumas burocracias para o acesso a esse arquivo. Na Casa Rui encontramos correspondências enviadas por CFA aos seus pares que foram doados pelo próprio autor ainda em vida. Diversas delas encontram-se editadas e publicadas, porém nos últimos meses de pesquisa, meu orientador e eu encontramos cartas inéditas enviadas pelo nosso autor a Francisco Bittencourt (1933-1997). Francisco era um crítico de arte da vanguarda brasileira editor de diversos jornais que tratavam de problemáticas sociais, inclusive o homossexualidade. Trata-se de um parente distante com quem CFA se corresponde desde 1969 até 1995 e compartilha desde impressões sobre amigos em comum, sobre obras, família, manuscritos como o do conto “A modificação”, até detalhes da doença que o acometeu. Existe uma intimidade tão forte

entre eles a ponto de Caio se despir de pudores e referir a si mesmo nas cartas como “a boneca”. Essas cartas encontram-se na Casa Rui, acondicionados ao acervo de Francisco Bittencourt.

Como a pesquisa foi baseada majoritariamente na correspondência do autor, este trabalho será uma espécie de biografia diferenciada de CFA em forma de cartas. A ideia de utilizar cartas nesse trabalho é entrar em consonância com diversos críticos que tem levantado a noção de que elas ou os diários, como no caso da Carolina Maria de Jesus, também são literatura, apesar de alguns considerarem como literatura menor ou subliteratura. “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2014), então a correspondência é uma forma de literatura que uma minoria faz dentro da Literatura e pode ser estabelecida como gênero literário. Embora haja controvérsia em torno dessa questão a gênese de muitas obras pode ser encontrada nas cartas, como também a troca de poesias e manuscritos de livros solicitando a opinião de um companheiro de profissão que revisa, reescreve ou simplesmente aprova. Encontramos muitos desses casos de trânsito de elementos entre a obra e a correspondência de CFA.

Existe uma característica marcante da obra de CFA: o endereçamento. Não apenas seus livros como também seus contos individualmente são sempre endereçados a alguém. A poesia já fazia isso desde a tradição sáfica e é considerada peça chave da poesia de Ana Cristina César a partir de 1979 (KIFFER; GARRAMUÑO, 2014). Paulo Leminski também se utiliza desse recurso tendo inclusive poesias endereçada a sua então esposa Alice Ruiz, em uma delas ele brinca com seu nome o dividindo e transformando suas partículas em outras palavras, formando assim uma poesia única. O endereçamento das poesias e, no caso estudado: obra, pode confundir o sujeito da enunciação com o leitor pois o uso do eu pressupõe a presença de um destinatário que pode ser o sujeito para quem a obra foi escrita ou um leitor desconhecido. Silviano Santiago afirma que singular e anônimo não é a obra, mas o leitor e que é necessário permitir "que a linguagem exista como é - em travessia com o outro" (SANTIAGO, 1986). O endereçamento é próprio da carta, pois além de circunscrever tempo e espaço, ela é destinada a alguém. Esse alguém pode se tratar de um indivíduo ou sujeitos indeterminados, leitores vários, o que permite a carta um aspecto ambíguo e, por vezes, esvaziado de clareza tal qual o cão atropelado que tem

um modo de presença intenso, porém completamente disforme (PEDROSA, 2017). Quando um escritor se utiliza do recurso do endereçamento ele leva a obra a um lugar que Jacques Derrida conceituou como indecível. Ele entende o gesto da doação de cartas a um arquivo e dessa forma torna-lo público como um “gênio”, pois a partir daí torna ao leitor impossível determinar onde começa a carta e onde termina a obra. Disso se trata o indecível: não é somente a oscilação entre duas decisões, é entregar-se à uma decisão impossível

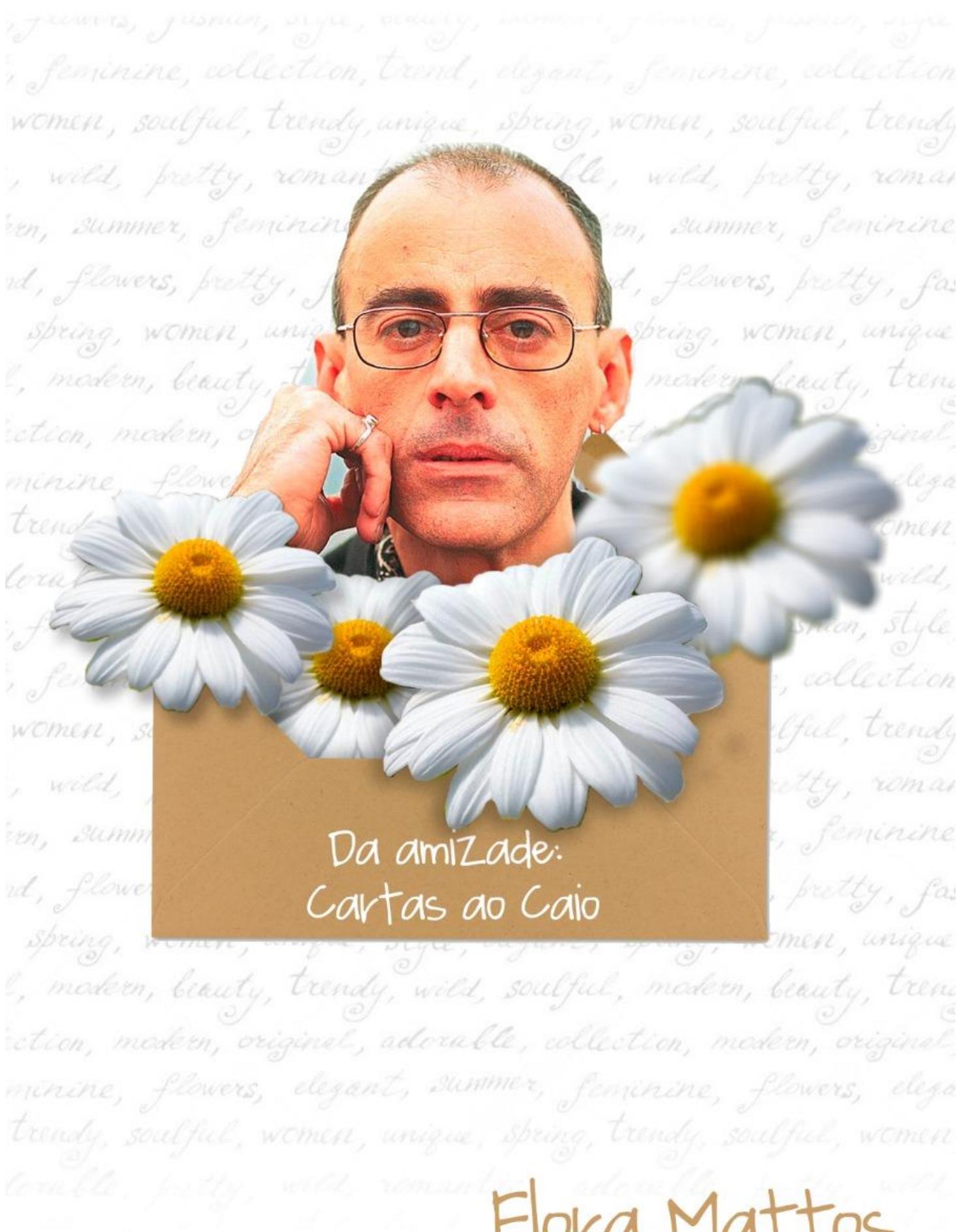
Se biografar é metaforizar o real conforme afirma Eneida Souza, a vida de Caio será expressa em forma de um romance epistolar que registrará alguns momentos importantes durante o período em que ele estava fora do país. Uma personagem fictícia enviará cartas ao CFA em que constarão fatos como prêmios recebidos, sua vida distante do seu país de origem, seus sentimentos, partes da sua obra e o anúncio da doença que o levaria a morte. Flora Mattos foi inspirada numa personagem do conto “Os sobreviventes” lançado no livro *Morangos mofados*, essa personagem sem nome é uma mulher a quem o protagonista amava, porém não conseguiu consumir uma relação sexual. Flora envia cartas a Caio e mesmo não sendo respondida, não desiste e continua escrevendo, nessas cartas ela descreve a trajetória do autor, num período delimitado de tempo, incluindo menção a amigos em comum e à família dele.

Flor, como ela assina as cartas, é também uma referência ao modo como CFA se construía enquanto personagem, pois ele tinha diferentes despedidas para diferentes destinatários, da mesma maneira que escrevia de forma diversa o mesmo assunto dependendo de para quem era endereçada a carta. Assim como Caio, Flor nasce escritora no momento da escrita, visto que “Escrever ou voltar a escrever é (re)surgir como nome, como assinatura, no gesto de nascimento na letra do poema” diz a ensaísta Ruth Silviano Brandão. Nossa remetente acaba por descrever não apenas a vida do Caio, mas a sua própria, pois compartilha com ele seus sentimentos, suas angústias e frustrações. Enfim sua vida, mas

O que chamo de vida escrita é a unidade entre escrever e viver e vice-versa, pois a escrita se faz por seus traços de memória marcados, rasurados ou recriados, no tremor ou firmeza das mãos, no pulsar do sangue que faz bater o coração na ponta dos dedos, na superfície das páginas, da tela, da pedra, e onde se possam fazer traços, mesmo naquilo que resta desses traços, naquilo

que não se lê, o que se torna letra, som ou sulco, marcas dessa escavação penosa que fazemos no real. (BRANDÃO, 2006)

A parte analítica desse trabalho será também uma “ficção”, pois se dará por meio de notas promovendo um reconhecimento da origem de cada dado informado nas cartas com embasamento teórico para o uso desses dados. Essa proposta se alinha com o tipo de pesquisa realizada, em torno das cartas, um contato direto com os manuscritos do autor que proporcionou uma “troca de experiências metodológicas e de reflexões teóricas em torno da epistolografia.” (MORAES, 2009). A carta guarda em si inúmeros significados. Como objeto nos permite a identificação de grau de escolaridade, classe social, além de demandar todo um cuidado no seu armazenamento; como ato, permite ao remetente performar diferentes papéis e encenar diante dos seus interlocutores; como texto interessa aos estudos linguísticos. Portanto se a própria carta permite diversas visões, esse trabalho permitiu-se o uso de uma “máscara” para um aparato crítico diferenciado.



Da amizade:
Cartas ao Caio

Flora Mattos

Puro Enleio¹, 06 de outubro de 1989.

Meu querido² Caio,

Te escrevo meu e te sinto meu, apesar de nunca ter sido, exceto por essa noite. Você estava tão próximo tão feliz eu tão consciente de ti. Seu olhar em minha direção me fazia estremecer, você nunca tinha me olhado assim. Fiquei tentando entender se era a emoção da premiação³ ou algo mais. Seu olhar era um líquido quente penetrando minhas entranhas me derretendo por dentro. Nunca tinha sentido nada parecido, após tanto tempo de convívio, tantas coisas passamos juntos, mas isso era novo. O Brasil inteiro alvoraçado com a novidade⁴, todos os jovens só falavam disso de norte a sul do país, caravanas se deslocando para São Paulo, pais preocupados com a possível má influência exercida sobre os filhos. E nós. Nossa euforia era outra. Em um país onde o teatro é tão pouco valorizado, receber um prêmio dessa magnitude não era pouca coisa não. Luizinho⁵ estava em estado de graça, não cabia em si. O deixamos no bar com nossos amigos e fomos para o meu apartamento.

Não sei de quem partiu a iniciativa, sei apenas do instante em que estávamos nos braços um do outro. Você me empurrou até a cama caindo por cima de mim. Senti teu corpo leve como pluma sobre o meu, sua respiração plúmbea castigando minha face. Conheci cada centímetro da sua pele e consumir o ato mais sublime de comunhão entre dois amantes era meu maior desejo. Você não conseguiu. Eu não. Quando o dia amanheceu, te vi sentado em frente à janela com um cigarro entre os dedos e o olhar perdido no vazio, confesso que senti um pouco de vergonha. Ciente do meu corpo nu embaixo dos lençóis, lembrei de tudo que aconteceu durante a noite. Lembrei de como meu corpo não reagiu ao seu e o seu não reagiu ao meu. Lembrei que tentamos de todas as maneiras, beijos, toques, brincadeiras e nada. Teu membro continuava murcho e o bico dos meus seios não enrijeciam⁶, logo eles, sempre tão sensíveis que endurecem ao mais leve assopro, mas nessa noite, nada. Eu não consegui. Você não.

Não era falta de conhecimento. Pelo contrário. Nós nos conhecemos como ninguém. Sabemos os pormenores um do outro: sei que odeia a vida de jornalista⁷,

só a exerce pela sobrevivência; sei que usa todo tipo de drogas, mas seu único vício é o cigarro; não gosta de escrever no seio familiar; o momento exato em que ficou com voz de homem⁸; aos 19 anos você estava lavando pratos em Estocolmo, está vendo como te conheço? Você sabe que odeio o serviço burocrático que faço, sabe que posso beber a noite inteira sem perder a classe, mas não consigo escrever uma linha depois disso, tudo que um gosta o outro está ciente. Falta de amor? Não. Somos loucos um pelo outro, não podemos negar. O amor que nos une é grande demais. Temos os mesmos gostos, sejam relacionados a música, a comida ou ao sexo. Gostamos muito de sexo, já vivemos as mais diversas aventuras e isso nunca aconteceu antes. Parece frase feita, mas nos conhecemos a ponto de saber se tratar da mais pura verdade. Não há uma explicação lógica para o que o ocorrido, ou o não ocorrido, desta noite. Nem sempre o corpo obedece aos comandos da mente.

Vi você se levantar, esmagar o cigarro no cinzeiro, olhar em minha direção. De imediato fechei os olhos. Senti sua movimentação no quarto, o farfalhar das roupas, ouvi a porta batendo, só então voltei a abrir os olhos. Você havia saído sem uma palavra de despedida, sequer um bilhete sobre o criado mudo. Acho que também estava sem coragem de me encarar. Soltei a respiração que nem lembrava de ter prendido e relaxei o corpo indecisa entre ir atrás de você ou esperar a sua volta. Não te chamei, você não voltou.

Levantei, tomei um banho pedindo aos santos que lavasse minha vergonha e a escorresse pelo ralo com a água. Vesti um roupão e me pus a te escrever. Nem sei se algum dia você lerá essa carta, é mais um desabafo. Me expresso melhor escrevendo... interrompi minha escrita para atender ao telefone e qual não foi minha surpresa ao ouvir sua voz do outro lado da linha me convidando para passar de carro na sua casa às três da tarde. O que você está me aprontando, Caio Fernando Abreu?

Beijos da

Sempre sua

Flor⁹

Puro Enleio, 07 de outubro de 1989.

Meu querido Caio,

Quase tive um treco quando cheguei ao seu apartamento e encontrei suas malas prontas e os móveis todos cobertos por lençóis. Você estava muito empolgado, falando do convite que recebera para ir à Europa. Me contava seus planos, sobre o tempo que passaria fora do país, das novas amizades que faria, de como seria morar sozinha, longe de tudo que lhe era caro e conhecido. – Tudo novo tudo novo. – Você repetia sem parar. E eu ali, estática, sem esboçar nenhuma reação. Achei que tinha me chamado para conversar sobre a noite passada, mas você parecia nem lembrar dela. Naturalmente me apertou contra seu peito num abraço eufórico. – Precisamos parar e comprar cigarros no caminho para o aeroporto. Meu voo sai às cinco e vinte.

Ainda em choque te vi carregar as malas até a porta, relancear o olhar pela casa em forma de despedida e se voltar em minha direção como quem diz: você não vem? Andei como um autômato até a porta que você fechou decidido. Colocamos as malas no carro. Nossas mãos se tocaram ao acaso e nossos olhos se cruzaram. Foi como se uma corrente de eletricidade percorresse nossos corpos. Palavras não ditas gritaram nesse momento. Eu tinha menos de duas horas para te contar tudo que se passava dentro de mim. Era tanta coisa que não sabia por onde começar. Precisava lembrar coisas que vivemos juntos, vontades insatisfeitas, o que devíamos ter dito e não dissemos. Tinha que ser agora ou seria tarde demais.

Eu sabia que você precisava viver essa experiência, era um sonho se realizando. Imagina sua convivência com pessoas de outras culturas, outra língua, seria enriquecedor demais para você, mas a dor da saudade já ardendo em mim seria uma tortura muito grande. Com quem eu sairia para as mais loucas noitadas? Quem compartilharia os maiores porres? Quem seguraria minha cabeça nas ressacas do dia seguinte? Quem riria comigo das piadas mais sem graça? Para quem eu contaria das brigas e discussões com meus desafetos?¹⁰ Você não estaria mais aqui. Você não estava mais aqui. Com os olhos voltados para a janela do carro¹¹ como eu te vi ao acordar. Aquela euforia com a qual você me recebeu no seu apê havia se esvaído. Via pelo reflexo do vidro da janela do carro, seu semblante vazio.

Mas eu sabia que você precisava viver isso, você não cresceria se eu o mantivesse preso num pequeno vaso¹², precisava do mundo para crescer e desabrochar. O mundo precisava de você. Eu abri os lábios para dizer isso, mas você não me deixou falar. Queria parar no posto para comprar cigarros. – Comprar no aeroporto é pedir para ser assaltado! – você disse.

Compramos cigarros e voltamos ao carro. Tentei falar novamente, te dizer do que nunca foi dito entre nós, das manias da sua saúde você precisa se cuidar mais diminuir os cigarros. Você fuma demais, Caio! nem percebeu mas seus dentes estão ficando escuros. E essa tosse? Será que os médicos do estrangeiro são melhores que os brasileiros? Devem ser. Você está levando casacos? Quis te perguntar tanta coisa, mas ao pressentir que eu ia falar, você não permitia, inventava um assunto, mandava recomendações a amigos, prometia postais e foi assim até chegarmos ao aeroporto.

E então o corre-corre. Despacha bagagem confere passagem balcão de embarque e o voo é anunciado no alto falante. Despedimo-nos com beijos, abraços e algumas promessas. Fiquei te olhando passar pelo portão de embarque, voltar-se para trás e me dar um adeus com gestos comedidos. Cumpra as promessas, Caio, não nos deixe sem notícias, sentirei sua falta.

Beijos da

Sempre sua

Flor

Puro Enleio, 31 de Janeiro de 1990.

Meu querido Caio,

Hoje estou me sentindo muito mal e resolvi te escrever, não leve muito a sério, mas tenho a impressão de que essa carta será uma espécie de desabafo. Sempre me sinto mais aliviada quando te escrevo. Às vezes tenho a sensação de que você está ao meu lado, com seu olhar indecifrável fixo em mim. Esse seu olhar me encarando de frente parece desvendar meus segredos mais ocultos, me sinto nua, completamente exposta diante dele. Seus lábios secos finos inexpressíveis, lábios que não sorriem nunca, essa mão no queixo¹³ como se todo o peso do mundo estivesse depositado no seu queixo e fosse tão difícil suportar. Algumas vezes você usa as duas mãos e fico pensando se esses dias não são piores. Quero estender a mão para te ajudar e nesse instante você some. É desolador.

Voltando a vaca fria¹⁴, sempre me perco em divagações quando penso em você, me deixe compartilhar contigo o assunto que me levou a te escrever. Você se lembra da Tininha? Tenho certeza que sim. Impossível pensar em mim e não se lembrar dela, estávamos sempre juntas. Você nos chamava de Batman e Robin porque quando uma tentava fazer algo sozinha era certo dar errado, então a outra aparecia para salvar a situação. Sempre fomos inseparáveis. Pois bem. Ela encontrou outra melhor amiga. Meu mundo caiu. Elas vão ao cinema juntas, saem para comer juntas, falam sobre seus casos uma a outra. Tudo que a Tininha fazia comigo. Elas são a nova dupla Batman e Robin. Quero deixar claro que não sou uma pessoa egoísta, você sabe disso. Queria apenas que elas entendessem meus sentimentos e não julgassem apenas um ciúme bobo e irrelevante. Tem um pouco de ciúme nisso tudo? Tem sim. Nunca neguei que sou ciumenta. Coisas do meu ascendente em touro que me faz ser insegura e possessiva. Preciso da certeza de ser correspondida de igual maneira nos meus sentimentos para me sentir confortável. Isso não acontece apenas em relações amorosas, acontece também e principalmente nas amizades. Lembro de você me criticando por me doar demais, então você entende que eu não quero exclusividade, mas estou me sentindo excluída, abandonada e isso dói demais. Lembro de um amigo em comum dizer

“Amizade não se cobra.
Amizade não tem tempo.
Amizade é o amor que a gente escolhe
ter e sentir por alguém”

você vai lembrar de quem estou falando. Ele falou isso para você numa situação parecida com essa que estou vivendo. Lembrar disso agora me fez refletir. Será que eu tenho realmente o direito de cobrar nosso tempo de amizade comparando com essa nova amiga da Tininha? Por ela ter escolhido amar outra pessoa significa que deixou de me amar? Eu posso sentir o que estou sentindo?

Ah Caio, seria tão bom se você estivesse aqui. Sempre foram tão livres e abertas nossas conversas. Sinto tanto sua falta. Essa distância acabará matando nossa amizade também? Engraçado. Sei que você tem conhecido pessoas novas¹⁵. Dividido apartamento com outros amigos e não me sinto mal com isso. É assim quando se mora em outro país, como um intercâmbio. Quando fiz o meu fiquei numa homestay da hora. Lembra? Fiz da mãe da minha host family minha second mom. Talvez por isso não me incomodo com seus novos amigos. Sei que quando longe da nossa terra natal temos a necessidade de formar relações fortes que nos ajudem a suportar a saudade. Entendo e aceito suas novas relações, mas gostaria muito que você estivesse aqui. As coisas seriam tão diferentes... gosto de pensar assim.

Deixo essa carta em repouso¹⁶, não quero te transmitir apenas tristeza.

Voltei! Após deixar esta de lado, joguei nos ombros uma jaqueta esquecida aqui por algum amigo e saí. Contornei a praça e descii a rua da padaria. Minha intenção era andar sem destino até desanuviar a mente, mas ao passar pela floricultura da Irene, estaquei. Era fim de tarde, as portas estavam fechadas, o lixo na calçada estava cheio de flores: petúnias rosas begônias violetas tulipas chuva de prata uma profusão de chuva de prata¹⁷. Chuva de prata, sempre achei graça nesse nome, mas não foi o que me chamou a atenção. Vi uma margarida¹⁸ uma única margarida sozinha deslocada perdida naquele mar de flores petúnias, rosas begônias violetas tulipas chuva de prata chuva de prata e ela, a margarida. Redonda, impassível, olhando fixamente para mim tal qual você. Fiquei hipnotizada. Aqueles inúmeros grânulos amarelos como ouro, ouro não, era o próprio sol brilhando, ofuscando tudo a sua volta, rodeados por longos raios pálidos. Eram tantos, tão juntos, sobrepostos, as pontas

não eram arredondadas. Eram raios, ora bolas, não podiam ser arredondados. Disformes, porém harmônicos com o sol no seu interior o que a tornava redonda.

Lindo de ver e eu vi, observei durante segundos minutos horas¹⁷ não sei, talvez dias. E a chuva caiu. Fina a princípio. Cada gota em mim refletia nela, primeiro nos meus cabelos nas suas pétalas, em seguida nos meus ombros no seu miolo. Batia em mim nela, não penetra minhas roupas não ultrapassa os grânulos. A princípio. O tempo foi passando, a chuva aumentando molhando meus cabelos desmaiando as pétalas. Os fios colavam ao couro cabeludo, os raios esmaecendo junto ao miolo. Então a chuva se tornou torrencial, a margarida desgarrou-se das outras flores, levada foi pela enxurrada. Paralisada dando adeus à solitária flor que descia na água em direção ao esgoto, pensei

“Ponha uma margarida na sua fossa”¹⁹

Sempre sua,

Flor

Puro Enleio, 04 de maio de 1991.

Meu querido Caio,

Estou à espera de notícias suas... não consigo entender o motivo do seu silêncio. Nunca passamos mais de uma semana sem nos falarmos. Mesmo quando você voltava ao seu refúgio no Menino Deus²⁰ ficava sem me ligar e até mesmo me mandava cartas. Era tão bom abrir a caixa de correio e ver sua letrinha saltando do envelope chamando por mim. Agora essa ausência. O telefone em silêncio no silêncio²¹. Fico pensando se minhas cartas anteriores chegaram até você. Creio que sim. Zair e Nael me mantem atualizada quanto ao seu endereço. Eles têm recebido suas cartas. Será que é o meu endereço que você perdeu? Por via das dúvidas, mando aqui: Estrada Clérigo Fonseca, 422 apto 302 – Puro Enleio. Meu telefone mudou, segue número novo: 55 21 3671-3396, pode me ligar a cobrar, apenas não prometo demorar na ligação. Chamada internacional custa uma fortuna.

Por falar em fortuna, estou tão feliz com a riqueza de comentários positivos a respeito de você. Aliás esse é o objetivo principal desta carta, parabeniza-lo pelo sucesso do seu livro *Os dragões não conhecem o paraíso* no estrangeiro²². Soube do êxito alcançado em Londres e Paris. Que massa mon ami! Depois do sucesso no Brasil que lhe rendeu pela segunda vez o mais tradicional prêmio da Literatura nacional²³, agora em outros dois idiomas! “Caio é muito visceral, fala da angústia, do medo, do desespero” disse uma crítica²⁴. A Helô²⁵ diz que você “começa a traçar o painel de um momento da história de vida de uma geração”. E os estrangeiros? São só elogios! Te imagino falando *Les dragons ne connaissent pas le paradis* com o biquinho que sempre criticou, mas que combina com perfeição com seus lábios finos. Ou ainda reclamando da tradução inglesa que reduziu seu título à *Dragons*, logo você que nunca gostou de livros intitulado por uma única palavra.

Talvez você nem esteja se importando com isso, não é mesmo? Com toda a badalação que o lançamento dos livros nos dois países está te proporcionando, o título dado a eles deve ser a menor das suas preocupações. Depois de tanta batalha para chegar até esse patamar, tantas idas e vindas ao Brasil. Quantas necessidades você

passou, não é mesmo? Tendo que lavar pratos, fazer faxina em casa de madames para sobreviver²⁶, agora esses detalhes certamente não tiram seu sono.

Fico me questionando se esse é o seu lugar, o quanto de dedicação houve ou se tudo que você escreve e que leio de ti é tudo isso mesmo. Pode ser apenas uma encenação da minha mente fértil, projetando um Caio que só existe nela.

Enfim... estou me estendendo bastante, vou ficar por aqui, externando mais uma vez minha felicidade pelas suas conquistas. Parabéns *ma chérie*, você merece! Desejo que você curta bastante esse momento, mas não se esqueça dos seus amigos tupiniquins.

Beijos da

Sempre sua

Flor

Puro Enleio, 04 de setembro de 1993.

Meu querido Caio,

Faz exatos dois anos e quatro meses que continuo à espera de notícias suas, você sabe que eu nunca fui uma pessoa exatamente paciente e se ainda te espero é porque significas muito para mim. Você é a exceção à minha regra de tolerância zero quanto a esperar. Também volto a te escrever porque estive com Beco e Gringo²⁷ no Sul esses dias e falávamos a seu respeito. Remoemos lembranças de infância, quando vocês três corriam pelas ruas do bairro, iam ao cinema, as vezes cometiam pequenos furtos de livros quando não tinham dinheiro para comprar. Rimos muito com as recordações. Eles sentem sua falta. Eu sinto sua falta. Seu aniversário está próximo e seria muito bom renovarmos as lembranças, ter novas histórias para contar, embora nem posso afirmar que te veria. Você esteve no Brasil ano passado tempo suficiente para alugar um apartamento em São Paulo, e nem me procurou, partiu o deixando fechado²⁸. Você pretende voltar para ficar? Cansou dessa vida no exterior? Seus pais ficariam felizes com o seu retorno a terras tupiniquins. Eles também sentem sua falta, apesar de entender que seu lugar é no mundo. Záel disse isso, acredita? Almocei com eles no último domingo, saiba que eles estão bem, sua tia que não anda muito bem não, mas é o de sempre, você sabe como ela é.

Quando se trata de você, não faltam lembranças, coisas boas, somente coisas boas, não que não tenhamos passados por maus momentos juntos, porém os melhores superam todos os outros, por isso avisos, cobranças, pode parecer chato eu sei, mas vai por mim. São reclamações de quem te quer bem e bem perto, a esperança de te ter de volta fica ardendo em mim feito o brilho no olhar de uma criança na expectativa pelo presente de aniversário. Nada posso fazer. Eu sou mesmo assim. Dizem por aí que amar é sofrer, mas vou duvidar, involuntariamente meu coração já se entregou a você. Talvez o melhor é ficar mesmo sozinho na vida e quem sabe assim quando surgir um simples carinho, ele seja mais valorizado. Impressionante como te sinto no vento que traz a brisa do mar, apesar de nunca termos ido à praia juntos, você não era muito fã, mas quando a noite chega e vem a memória aquela fatídica noite que mudou tudo entre nós... ah! A noite! Sorrindo acordada sonho com você e sonhando acordada, durmo com você.²⁹

É estranho dormir com você ainda que em sonhos, sabendo da sua preferência por homens, apesar de alguns casos passageiros com mulheres. Beco, Gringo e eu conversamos sobre isso também, como desde muito jovem sempre foi perceptível sua preferência sexual. Eles não disseram, mas fiquei pensando em vocês três meninos muito amigos, se desenvolvendo, conhecendo o próprio, o que não teria acontecido naqueles tempos. Você nunca negou, pelo contrário, seus relacionamentos nunca foram escondidos. Depois do nosso amigo deixar público que escreveu aquela música³⁰ para você, nem tinha como negar, apesar de você não querer fazê-lo mesmo. E todas às vezes em que você se apaixonava por um homossexual e não era correspondido. Era no meu ombro que você vinha chorar depressivo. Fico pensando se não foi esse o entrave entre nós: o excesso de intimidade... seria o caso de estragar a amizade. O que acabou acontecendo no final das contas, mas ainda tenho esperanças no seu retorno ao Brasil e à minha vida. Ainda te amo e fico esperando o dia em que Urano entrar em Escorpião ou Júpiter encontrar Saturno³¹ e então se dará nosso reencontro e uma fusão de sentidos e alma se perpetuará em nosso interior. Você nunca mais estará em exílio. Eu nunca mais me sentirei só.

Beijos da

Sempre sua

Flor

Puro Enleio, 18 de setembro 1994.

Meu querido Caio,

Estou aos prantos. Acabo de ler "*Última carta para além dos muros*"³² e sou um dos *anjos que não puderam ir por rebordosa*³³, enfim descobriram o que era essa *Coisa Estranha*³⁴ que te atormentava. Ainda não acredito que essa doença maldita atingiu você. E saber dessa forma... apesar dessa sua estranha mania de publicizar sua vida íntima em obras, não esperava jamais ler nas páginas de um jornal sua sentença de morte. Porque assim foi lido por todos que te amam e assim é. Estou conformada por não estar ao seu lado sabendo que estás amado e cuidado por pessoas de bem. Anjos como você bem disse. Inconcebível é a ideia da sua partida. Quantos amigos soropositivos perdemos! Ninguém sobrevive a essa epidemia. AIDS. Quatro malditas letras. Quatro letras que eu não desejaria nunca associar a você, o homem das letras.

Perdemos nosso poeta Agenor³⁵ há tão pouco tempo, a ideia de te perder também é dolorida demais. Assim como você, ele era tão jovem, tão cheio de vida, com tantos sonhos a realizar. Lembra das nossas noitadas? Ainda encontro o Beto, o Léo, a Bebel³⁶, mas não é a mesma coisa sem ele, fica aquele vazio, sabe? Nunca será a mesma coisa sem você. Ah, amor! Por que você não conversa com a madrinha³⁷? Ela está fazendo um trabalho lindo com crianças vítimas desse mesmo mal que te assola. Talvez tenha informações que te auxiliem. Sei que você está em boas mãos, porém uma ajuda é sempre bem-vinda, especialmente de quem está se aprofundando no assunto.

Minha vontade é desacreditar disso tudo. Faz tão pouco tempo que você lançou aquela novela³⁸ na França e fez tanto sucesso com ela. Imaginei que não voltaria tão cedo ao país. Li tanta ausência nela, a impossibilidade do encontro amoroso, a solidão. Cogitei se estava pensando em mim. Bobagem minha, eu sei, mas não consigo me conter, sempre remeto o que você escreve ao nosso interlúdio amoroso. Os protagonistas têm uma tão grande proximidade intelectual e nenhum contato físico, como nós. Racionalmente penso se tratar de questões geográficas, de deslocamento, afinal você está bem longe. Cercado por estrangeiros, em um país estranho, o desejo

de ser acolhido é imenso. Isso é uma condição própria de um exilado. A necessidade de ouvir alguém falando na própria língua. Eu entendo tudo isso. Racionalmente. No entanto quando penso em você, a razão me abandona por completo.

Invejo os anjos. Esses que *esfregam o chão, trocam lençóis, servem café*. Eles estão próximos a você. Os que verificam sua pressão arterial. Eles tocam sua pele. Outros ouvem a batida do seu coração. Queria estar no lugar deles. Sabe aqueles pardos, noturnos? Me transformaria fácil, fácil em um deles apenas para velar seu sono. Observar o sobe-desce do seu peito acompanhando sua respiração. Já fiz isso antes. Naquela noite. Após fumar incontáveis cigarros, você deitou-se ao meu lado, achando que eu havia adormecido, e dormiu profundamente. Passei o resto da noite em claro, foi a noite mais longa da minha vida. Não me importaria de repeti-la apenas pelo prazer de sentir o calor do seu corpo junto ao meu. É uma lembrança que fica remoendo na minha memória incessantemente. Creio já ter dito isso antes. Ao acordar na manhã seguinte senti o frio da sua ausência e esse frio me persegue até hoje.

Estou me perguntando agora porque ainda insisto em te escrever se você nunca me responde. Por que me ignora tanto, Caio? E por que ainda insisto em te escrever? Principalmente na sua atual situação. Mas sinto uma necessidade incontrolável de escrever essa última carta. Sim. Definitivo. Última carta.

Provavelmente não terei resposta como não tive das outras, mas preciso dizer que sinto muito, gostaria de estar ao seu lado, segurando sua magra mão, dizendo que tudo ficará bem, mas não posso. Você não me permite. Nem mesmo sei se essa carta chegará às suas mãos, mas insisto porque é importante o que tenho a lhe dizer. Sua passagem pela minha vida foi tão marcante a ponto de eu nunca te esquecer, te acompanhei mesmo à distância, vibrei com suas conquistas e sofri com seus fracassos e sua solidão. Me tornei mais sua do que minha e se isso for um erro me desculpa, não consigo mais me devolver.

Beijos da

Eternamente⁴⁰ sua

Flor

NOTAS À GUIA DE ANÁLISE

As notas a seguir trazem uma análise crítica das cartas com explicação do procedimento, estilo utilizado e embasamento teórico.

¹ Como todo o desenvolvimento desse trabalho é baseado nas obras e procedimentos de CFA, *Puro Enleio* é uma cidade fictícia criada da mesma maneira que o autor imaginou Passo de Guanxuma. Essa última cidade apareceu pela primeira vez no conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” escrito em 1984 e incluída no livro *Os Dragões não Conhecem o Paraíso*. Ela aparece em outras histórias, inclusive em *Introdução ao Passo de Guanxuma* CFA descreve os quatro pontos cardeais da cidade e o que tem de mais importante em cada um deles. No Leste: os plátanos, árvores bem altas dos dois lados da estrada que suas folhas mais altas se unem formando um túnel; ao Norte: a sanga Caraguatatá, uma lagoa de águas bem frescas que forma uma fina camada de gelo na superfície nas manhãs mais frias; ao Sul: o arco, que fica na entrada do quartel da Vila Militar dividindo essa parte da cidade e o Oeste onde existe apenas o deserto. No texto que precede o conto, autor afirma que tencionava escrever um romance sobre a cidade. Pelo fato de tamanha importância que ele dá a cidade é extremamente relevante a criação de uma cidade de onde são remetidas as cartas. Segundo Houaiss, um dos significados de enleio é confusão, dúvida; outro é envolvimento, liame. A remetente das cartas encontra-se justamente nesse lugar de envolvimento confuso. Ela vive em estado de puro enleio amoroso que existe apenas no seu emocional.

² Caio usa o adjetivo “querido” em todas as suas cartas direcionadas a amigos próximos e a parentes, especialmente sua irmã Cláudia. Em 21 de dezembro de 1992, de Saint-Nazaire, ele inicia uma carta assim “Querida Cláudia, foi uma surpresa e uma alegria receber tua cartinha” por vezes variava para o inglês, *dear*, principalmente quando em Londres. Isso foi fundamental para a escolha dessa palavra em todas as cartas, acrescida pelo pronome possessivo trazendo a ideia de que a remetente o considera propriedade sua, ainda que só na sua mente, pois a remetente tem esse

sentimento de posse relacionado a ele. “A carta serve também para isso: fazer o outro de refém e obriga-lo a assistir à eclosão de um pensamento, de uma identidade, e dela participar, queira ou não” (DIAZ, 2016) Quando a distância se impõe entre dois amigos ou amantes, é necessário um subterfúgio que mantenha um elo entre eles, até porque como afirma Anne Vincent-Buffault (1996): “(...) as amizades íntimas poderiam se caracterizar pela frequência e a variedade das rupturas de tom que permitem” (p. 42), a correspondência e os subterfúgios utilizados nela marcam esse tom.

³ Prêmio Molière pela peça do melodrama *A Maldição do Vale Negro*, baseado no livro homônimo com algumas cenas de *Sarau das nove as onze*, obra de coautoria de CFA com Luiz Arthur Nunes. A premiação não era um fato raro na carreira dele, ao contrário, CFA coleciona inúmeros prêmios ao longo de sua vida literária.

⁴ Primeiro show do Mettlica no Brasil ocorrido no Ginásio do Ibirapuera em 06/10/1989, mesma ocasião em que CFA recebeu o prêmio Molière, que, após um hiato de quase 25 anos, voltou a ser realizado neste ano com edição em São Paulo Rio de Janeiro. O fato desse evento ser mencionado na carta é importante para contextualizar a carta no tempo-espaço dos acontecimentos que envolveram remetente e destinatário. Flor entende que há uma ligação entre ela e Caio que é superior a qualquer evento de grande porte que poderia estar acontecendo no país.

⁵ Luiz Arthur Nunes (1946), diretor e autor de teatro, que montou e dirigiu a peça *A Maldição do Vale Negro*, peça criada em parceria com CFA, foi premiado junto com CFA na mesma noite. A história da peça é sobre uma órfã criada num castelo, sob o rígido controle do tio, o velho Conde Maurício, e da governanta, ambos personagens que guardam um segredo que pode mudar a vida da garota. A jovem é seduzida pelo Marquês D’Allençon, credor da hipoteca do conde. Quando o tio descobre o relacionamento dos dois, expulsa a menina do castelo e lança as mais terríveis maldições sobre ela. No acampamento de ciganos onde é acolhida, a pobre órfã descobre seu passado e os segredos que envolvem o Vale Negro.

⁶ CFA narra essa situação no conto “Os sobreviventes” de *Morangos mofados* e essa ação de trazer para a carta o que está na obra é mais uma das atitudes de Caio. Ruth Silviano Brandão afirma que a escrita cria a vida. Aqui a remetente se vale desse artifício, ela não se pretende escritora, mas faz uso da escrita de CFA para

descrever a própria vida. De igual modo as frases: “Eu não consegui. Você não”. É uma reescrita reduzida do trecho “pela primeira vez na vida, você disse, e eu acreditei, pela primeira vez na vida, eu disse, mas não sei se você acreditou” (ABREU, 2015)

⁷ “O jornalismo me vampirizou” CFA afirmou em uma das muitas entrevistas concedidas, nesta ocasião ao *Jornal da Tarde de São Paulo*, conduzida pelo jornalista Wálmaro Paz e publicada em 11/10/1994. Dessa vez a remetente traz elementos da vida real para a carta a fim de provar assim o conhecimento que tinha do dileto amigo e quase amante.

⁸ Até aos 20 anos CFA tinha cordas vocais viciadas no falar infantil, esse tom de voz o inibia nos relacionamentos e atrapalhava sua vida profissional. Quando precisou se esconder no sítio de Hilda Hist, perseguido pelo DOPS por ser homossexual, foi desabafar junto a uma árvore que a escritora chamava de a figueira mágica. Hilda costumava dizer que era só contar seu problema à videira e ela resolveria. Após ter desabafado com a árvore, CFA lia, em voz alta, um poema de Fernando Pessoa e, no terceiro verso, sua voz havia mudado transformando-se de voz infantil para uma voz sedutora, charmosa e marcante.

⁹ Originalmente o nome da personagem remetente das cartas é Flora Mattos, ela, porém, assina nas cartas apenas Flor, assim como Caio constrói personagens ou “produz imagens de si” (DIAZ, 2016) para convocar o outro ao diálogo. CFA possuía diversas formas de despedidas. Para os pais, “Seu filho, Caio”, para destinatários oficiais, apenas “Caio”, para amigos íntimos a despedida era “Caio F.” numa clara referência à obra “Eu, Christiane F., 13 Anos, Drogada e prostituída” e também à poeta Ana Cristina Cesar que assinava suas cartas “Ana C.” Flora construiu uma flor para dialogar com ele. A assinatura de uma carta, assim como de uma obra, é essencial para perceber se o “autor” daquele escrito é uma das três instâncias enunciativas do texto literário invocadas por Foucault em “O que é o autor?” (Citado por OSTENSTAD, 2009) e corroboradas por Dominique Maingueneau (2014) como: a “pessoa”, ser humano, pessoa física; o “escritor”, que desempenha o escritor no espaço público; o “inscritor”, responsável pelo texto em todos os aspectos. Ainda que:

Em qualquer discurso constituinte, essas três instâncias se atravessam, sustentam-se e se criam reciprocamente. Os registros genéricos e textual do inscritor surgem das possibilidades e das restrições fornecidas pela pessoa e

pelo escritor. A existência da pessoa determina a enunciação do inscritor e a atividade do escritor, mas a elas também se adaptam. O papel e o modo de operação do escritor são, com efeito determinados pelo inscritor e pela pessoa e determinantes para eles. (OSTENSTAD, 2009)

O “Sempre sua” também integra essa construção que, em conluio com o “meu querido”, na saudação das cartas, traz uma ideia de pertencimento dos personagens um ao outro.

¹⁰ A lembrança de tudo que os personagens viveram juntos transcrita para o papel em forma de carta é o que Brandão exemplifica ao afirmar: “ (...) o que chamo de vida escrita é a unidade entre escrever e viver e vice-versa, pois a escrita se faz por traços de memória marcados, rasurados ou recriados, no tremor ou firmeza das mãos, no pulsar do sangue que faz bater o coração na ponta dos dedos (...) marcas dessa escavação penosa que fazemos do real” (BRANDÃO, 2006).

¹¹ Essa parece ser uma posição pela qual CFA tem certa predileção: vários de seus personagens em diferentes obras surgem vez por outra nessa posição, ora pensativo, ora observando o mundo exterior ou apenas fugindo do ambiente em que se encontram, o olhar sempre perdido no vazio. Destaco dois exemplos:

“O que virá depois? – pergunto então para a tarde suja atrás dos vidros (...) Se *permanecer aqui, parado nesta janela*, estou certo que acontecerá alguma coisa grave” (“Luz e sombra” – *Morangos Mofados* p. 91, 92, 2015, grifos nossos)

“*Curvo-me em frente à janela e fico olhando, do outro lado da vidraça para os olhos do grande pássaro quase totalmente branco*” (“Bem longe de Marienbad” – Caio 3D p.34, 2006, grifo nosso)

¹² “*você não cresceria se eu o mantivesse preso num pequeno vaso*” é uma frase do conto “Para uma avenca partindo” publicado em *O ovo apunhalado* (p.104, 2001). O conto retrata uma despedida, tal qual o momento vivenciado na carta, quando mais uma vez Caio traz a ideia do amor interrompido por uma partida e a falta de diálogo dos personagens que, assim como Flora, deseja expressar seus sentimentos e não consegue, o personagem inominado do conto apenas sente e pensa em falar, porém não consegue exteriorizar seus sentimentos em palavras. Durante todo o conto a personagem trava um monólogo interior que e encerra dessa forma: “por que você fica sempre me interrompendo e me fazendo suspeitar que você

não passa mesmo de uma simples avenca? eu preciso de muita concentração para dizer todas as coisas que eu tinha pra te dizer, olha, antes de você ir embora eu quero te dizer quê.” (p.106, 2001)

¹³ Referência clara às inúmeras fotos de CFA onde ele constantemente aparece sem nenhum esboço de sorriso, ora com uma ora com as duas mãos apoiando o queixo com um olhar fixo e impenetrável. No conto “Transformações”, de *Morangos mofados*, o autor descreve o personagem “Como se seu corpo fosse apenas a moldura do desenho de um rosto apoiado sobre uma das mãos, os olhos fixos na distância” (p.103, 12ª ed, 2015). Essa pose se repete nas suas fotos como a mostra a imagem:



Foto: Marcos Mendes|Estadão

¹⁴ *Voltando à vaca fria* é uma expressão popular utilizada quando o locutor deseja retornar ao assunto inicial de uma conversa. É uma expressão bastante antiga e popular no Brasil e em Portugal. O uso dessa expressão condiz com a linguagem despretensiosa que CFA usa nos seus livros permitindo o uso de ditados populares e gírias que alcança e atrai o público jovem.

¹⁵ CFA costumava contar com grande entusiasmo em correspondências sobre pessoas que ele conhecia. Contudo, isso poderia fazer parte da construção desse

personagem de escritor viajante bem-sucedido rodeado de novos amigos, talvez para esconder uma solidão inerente ao fato de estar só fora do país e se evidencia em sua obra. A crítica Brigitte Diaz vê a carta como um gesto autobiográfico “uma rede de fios de vida e de vozes mesclados pelos acasos e pelas necessidades da existência (...) Será a carta, então, espelho de si? Será mesmo?” (DIAZ, 2016)

¹⁶ Essa atitude de abandonar a escrita e retornar a ela tempos depois e, principalmente, registrar isso na carta, é bastante usual, não apenas por CFA como também por tantos outros escritores conforme pude comprovar nos arquivos do AMLB. Esse acesso nos permite um contato com o processo de criação de uma obra, as reticências, as dificuldades, as interferências externas; o registro dessas pausas em cartas revela momentos de angústia e inquietações e como o escritor externa essa humanidade.

¹⁷ A ausência da vírgula separando os substantivos, inclusive ocorrida em cartas anteriores, é uma marca estilística de CFA com o objetivo de atribuir uma velocidade contínua ao texto.

¹⁸ CFA tinha verdadeira fascinação por margaridas. Na introdução de *O ovo apunhalado* inclusive o autor diz que se ressentia do excesso de algumas figuras na obra e as margaridas estão entre essas figuras, o que não impede de repeti-las em outras obras. Por ser um elemento tão caro a ele, não poderia ficar de fora desse trabalho, além de influenciar no nome da remetente das cartas. No livro citado temos o conto “A margarida enlatada” além do conto “O dia de ontem” de onde foi extraído o seguinte trecho:

“[...] e vimos uma margarida e nem sequer era primavera e disseste que margarida era amarelo e branco e eu disse que branco era paz e disseste que amarelo era desespero e dissemos quase juntos que margarida era então desespero cercado de paz por todos os lados” (*O ovo apunhalado*, p. 135, 2001)

¹⁹ Este verso foi retirado de um slogan criado pelo autor e presente no conto “A margarida enlatada”, publicado no livro *O ovo apunhalado*.

²⁰ Bairro de Santiago do Boqueirão, interior do Rio Grande do Sul onde nasceu e passou sua infância. Seus pais nunca saíram de lá e era onde se refugiava CFA nos momentos maiores de tristeza e solidão. Ele fala da saudade que sentia da sua terra

natal em cartas aos amigos. Para Maria Lidia Magliani, afirma em 12 de julho de 1990 “ando morto de saudades de Porto Alegre”; para José Márcio Penido, a quem carinhosamente chama de Zézim, ele diz que de tudo que tem vivido ultimamente, o mais gostoso foi a semana que passou na cidade. Em outra carta a Zézim relata momentos passados no bairro em que nasceu: “Minha irmã Cláudia ganhou uma Caloi 10 de Natal do noivo (Jorge, lembra?), e eu me apossei dela e hoje mesmo dei voltas incríveis pelo Menino Deus”

²¹ “O telefone em silêncio no silêncio” é uma frase do conto “O dia de ontem” também publicado em *O ovo apunhalado*. Trazer partes da obra de CFA para as cartas faz parte do trânsito cartas-obra, obra-cartas, mencionado anteriormente, e traz à baila o tema de que o texto literário muitas vezes tem sua gênese na carta, pois “O gênero epistolar oferece-se aos escritores – amadores ou profissionais da escrita – como um espaço de invenção (...) Torna-se, por isso, um teste da literatura” (DIAZ, 2007). Sendo a carta esse espaço de invenção ela se assemelha ao rascunho de um escritor, um lugar onde ele pode experimentar novos recursos, e o rascunho nada mais é que uma coletânea do trabalho redacional do autor, o conjunto do processo de escrita que ele escolheu utilizar (DI BIASI, 2010). Diaz afirma também que a carta constitui seu próprio rascunho, sendo ela um rascunho do si do escritor e um rascunho de si mesmo, ela é rascunho de criação de um si mesmo.

²² Lançamento do livro em Londres pela editora Boulevard Books com tradução de David Treece; em Paris pelas edições Complexe e tradução de Claire Cayron. Esses lançamentos obtiveram circulação internacional.

²³ CFA ganha o Prêmio Jabuti em 1984 pelo livro *Triângulo das águas* em 1989 por *Os dragões não conhecem o paraíso*.

²⁴ Afirmação da editora Alice Sant’Anna, responsável pela publicação de um conjunto de contos do autor pela Companhia das Letras em 12 de setembro de 2018, data em que CFA completaria 70 anos de vida.

²⁵ Heloísa Buarque de Holanda, contemporânea de CFA e, ficcionalmente amiga da remetente Flor, escreveu na contracapa do livro *Morangos mofados*. Incluir Heloísa e outros tantos nomes mencionados nas cartas de pessoas que fizeram parte da vida de CFA é, de certa forma, reconstituir uma vida literária do autor.

²⁶ No conto “London, London, ou ajax, brush and rubbish”, CFA constitui uma personagem que está no exílio, passa por dificuldades financeiras e trabalha como doméstica/faxineira em casa de pessoas abastadas se submetendo à excentricidades das madames que a contratam. Após um dia de trabalho, a personagem encontra-se desgastada fisicamente com bolhas nas mãos, calos nos pés, dor nas costas e nas pernas, músculos cansados além de emocionalmente devastada.

²⁷ Amigos de infância com quem CFA cresceu e viveu muitas aventuras pelas ruas do bairro Menino Deus.

²⁸ CFA menciona em cartas a seus pais, a Guilherme de Almeida Prado e a outros amigos, um apartamento que deixou alugado em São Paulo, porém devido ao alto custo para mantê-lo, incluindo o aumento no valor do aluguel, teve que entregá-lo à imobiliária. Isso é relevante pois traz à tona problemas financeiros pelo qual o autor passou, apesar de premiado no Brasil e reconhecido no estrangeiro; ele passava por dificuldades e essas influenciavam na sua vida literária.

²⁹ Todo esse parágrafo trata-se de uma espécie de anagrama com a letra da música “Simples carinho”, cantada por Angela Ro Ro. CFA orienta ler o conto que inspirou a escrita dessas cartas, “Os sobreviventes”, ao som dessa cantora. O autor fez o mesmo procedimento com a música “Esquadros”, da Adriana Calcanhoto em uma carta enviada à mesma.

“Adriana C.

Minha sempre deusa, continuo andando pelo mundo, chorando ao telefone, prestando muita atenção, divertindo gente, a fome dos meninos da Iugoslávia nas tuas ricas da West-Berlim dói tanto ou mais quanto os *nigrinhos* do Rio, há dez meses acordo e não tenho ninguém do lado – os meus amigos, cadê?” (carta enviada de Berlim em 01 de julho de 1993, Arquivo CFA, FCRB).

³⁰ “Só as mães são felizes” música de Cazusa em parceria com Roberto Frejat que o primeiro compôs para CFA onde descreve a experiência (ou in experiência) de Caio em relação às aventuras ilícitas da vida.

³¹ “O dia em que Urano entrou em Escorpião” e “O dia que Júpiter encontrou Saturno” são dois contos publicados no livro *Morangos mofados*. Manter o processo

de unir obras com as cartas, literatura e vida, continua sendo o objetivo, visto que CFA era muito ligado a astrologia e misticismos.

³² Crônica publicada em 18 de setembro de 1994 no jornal O Estado de São Paulo onde CFA declara publicamente portador do vírus HIV. Este ato de tornar público uma tragédia pessoal e não em uma reportagem, mas dentro de um gênero literário é transformar o que era privado em valor coletivo. Deleuze afirma: “(...) o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum” e através da literatura CFA “produz uma solidariedade ativa” (DELEUZE; GUATTARI, 2014), além de eternizar sua condição. A crônica-carta inicia-se assim:

“Imagino que você tenha achado as duas cartas anteriores obscuras, enigmáticas como aquelas dos almanaques de antigamente. Gosto sempre de mistério, mas gosto mais da verdade. E por achar que esta lhe é superior te escrevo agora assim, mais claramente. Nem sinto culpa, vergonha ou medo.”

“Voltei da Europa em junho me sentindo doente. Febres, suores, perda de peso, manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado HIV Positivo”.

(O Estadão, 18 de setembro de 1994)

³³ Parte de um dos trechos retirados da *Segunda Carta para além dos muros*, crônica escrita já no hospital, porém ainda sem diagnóstico. Esses anjos não puderam estar com CFA por algum impedimento. Nesta carta, Caio ainda não havia revelado a doença e a figura de linguagem metáfora que ele usa para se referir às pessoas era utilizada ao se fazer referência à doença. Uma mudança de discurso foi implementada até mesmo pelos órgãos oficiais de saúde no sentido de amenizar a discriminação e o sofrimento dos portadores do vírus. (LIMA, 2000)

³⁴ CFA se referia como a Coisa, ou a Coisa Estranha a doença que o acometia na *Primeira Carta para além dos muros* também publicada em forma de crônica no jornal *O Estado de São Paulo*.

³⁵ Agenor de Miranda Araújo Neto, cantor, compositor e poeta conhecido como Cazuzza com quem Caio teve um caso, morreu da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) em 07 de julho de 1990.

³⁶ Esses nomes referem-se à Roberto Frejat, Léo Jaime e Bebel Gilberto, companheiros das farras noturnas e resenhas artísticas de CFA.

³⁷ Lucinha Araújo criou a Sociedade Viva Cazuzza, após a morte do filho, a fim de cuidar de crianças e adolescentes vítimas da AIDS.

³⁸ A novela *Bien Loin de Marienbad* (Bem longe de Marienbad) é lançada em 1994 pelo Salão do Livro de Paris publicada pelas edições Arcane 17 e L'Autre Voix e alcança grande sucesso. A novela é marcada pelo desencontro de dois amantes ligados intelectualmente, porém há uma impossibilidade do encontro físico.

³⁹ “No caminho do inferno encontrei tantos anjos”: CFA inicia a Segunda Carta assim e classifica como anjos todos aqueles que estão ao seu redor, tanto faxineiros, médicos, visitantes e até os anjos no sentido literal da palavra que combatem os demônios no caminho para o inferno.

⁴⁰ Na despedida da última carta, a remetente troca o advérbio de sempre para eternamente, uma forma de despedida e também uma declaração de que ela pertenceria ao destinatário por toda a eternidade.

CONCLUSÃO

A realização deste trabalho apenas foi possível devido ao período passado em contato com o acervo de escritores no Arquivo Museu da Literatura Brasileira na Fundação Casa de Rui Barbosa, Botafogo – Rio de Janeiro. Minha primeira ida à Casa Rui se deu durante o a disciplina Estágio de Bacharelado II quando me detive na correspondência e manuscritos de Homero Homem. Esse contato direto com uma pseudo intimidade do escritor chamou minha atenção a ponto de me levar a um Trabalho de Conclusão de Curso. Caio Fernando Abreu entrou na minha vida através de um texto que li durante a disciplina, “Entre vida real e criação: a correspondência como reservatório da ficção” da crítica Marie-Hélène Passos, nele a autora falava de uma carta anônima que Caio recebia regularmente que lhe rendeu um conto: *Uma história confusa*. Sua primeira versão foi publicada em 1974 na Revista ZH, de Zero Hora, em Porto Alegre e posteriormente em um dos seus últimos livros em vida, *Ovelhas Negras*. Nesse conto CFA traz partes da carta, expõe a maneira como ela é recebida por ele e convida o remetente a dar-se a conhecer. Esse trânsito carta-obra e o desprendimento de se expor em um veículo de comunicação e na literatura me fascinou e levou-me a buscar mais sobre o autor.

No AMLB encontrei manuscritos e outras cartas de CFA, nelas uma infinidade de elementos da sua obra com os quais me lancei nessa empreitada e pude observar que tanto na obra quanto na correspondência é nítido as dificuldades do amor enfrentadas pelo autor, talvez pelo fato dele ser homossexual numa época em que a homossexualidade era quase um crime e se buscava um meio politicamente correto para tratar do assunto, inclusive sobre a doença considerada como uma “peste gay” que o levou a morte (LIMA, 2000), CFA nunca conseguiu viver um amor idealizado, apesar dos inúmeros relatos de casos amorosos encontrados, incluindo tentativas de relacionamento com o sexo oposto, no entanto essa impossibilidade está sempre presente na sua obra. Como exemplo disso temos o conto “O afogado” publicado em *O ovo apunhado* onde o protagonista é um médico chamado para salvar a vida de um homem que se afogou no mar, ele leva esse homem para sua casa e se estabelece uma relação entre os dois. O médico não permite que a cidade tenha contato com ele e os moradores se revoltam querendo a expulsão do afogado da casa do médico. Em

“Aqueles dois” de *Morangos Mofados*, dois colegas de trabalho estreitam relação compartilhando sua solidão e luto, passam a serem mal vistos pelos colegas de trabalho e são demitidos com a sentença de serem infelizes para sempre. E foram, vaticina o autor. Entre tantos outros, esses dois contos espelham sua vida com tentativas de relacionamentos sempre impedidos por fatores externos, a sociedade preconceituosa em que vivia. CFA usa essa impossibilidade como uma ferramenta estética, já que toda sua trajetória foi marcada por elos perdidos e amores desligados pela distância. A relação descrita nas cartas que compõe esse trabalho é apenas um exemplo entre tantos desse impedimento do amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. *Caio 3D - O essencial da década de 1990*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.

_____. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015

_____. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002

_____. *O ovo apunhalado*. Porto Alegre: L&PM, 2001

_____. *Triângulo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 2012

_____. *Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2006.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DERRIDA, Jacques. *Gênesis, genealogias, gêneros e o gênio*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

DI BIASI, Pierre-Marc. *A genética dos textos*. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

DIAS, José-Luis. Qual a genética para as correspondências? Tradução de Cláudio Hiro e Maria Silva Ianni Barsalini. In: *Manuscritica*, n. 15, p. 119-162, 2007.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: EDUSP, 2016

KIFFER, Ana e GARRAMUÑO, Florencia. *Expansões contemporâneas. Literatura e outras formas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014,

LIMA, Nonato. *A AIDS e outras falas: uma reflexão sobre metáforas e neologismos relacionados à doença*. In: *Revista de Letras*, n. 22, vol. 1/2, jan/dez, 2000.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MORAES, Marcos Antônio de. *Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: históricos e alguns pressupostos*. UNESP - FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 115-128, jun. 2009
- OSTENSTAD, Ingrid. *Qual a importância do nome do autor?* Tradução de Márcio Antônio Gatti. São Paulo: Linguasagem, 2009.
- PASSOS, Marie-Hélène Paret. “Entre vida real e criação: a correspondência como reservatório da ficção”. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.49, n. 2, p. 190-194 abr.-jun., 2014.
- PEDROSA, Célia. “A poesia andando”. *Revista Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 35, 2017.
- SANTIAGO, Silviano. “Singular e anônimo”. In: *O eixo e a roda*, n. 5, p.95-105, 1986.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas Indiscretas. Ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade – uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Editora JZE, 1996.

A Maldição do Vale Negro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento510770/amaldicao-do-vale-negro>>. Acesso em 21 de Nov. 2018.

Resenha: Caio Fernando Abreu – inventário de um escritor irremediável. Disponível em: <<http://lerparaesclarecer.blogspot.com/2013/06/resenha-caio-fernando-abreu-inventario>>. Acesso em 12 de Nov. 2018.